

A CIDADE DE SÃO TOMÉ

Teresa Madeira da Silva

Arquitecta, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), DINÂMIA-CET, Lisboa, Portugal

Resumo

Esta comunicação trata da evolução da estrutura urbana do centro histórico da cidade de São Tomé desde a sua origem até à actualidade e da caracterização dos principais edifícios e conjuntos urbanos de matriz portuguesa nela situados.

Numa primeira parte podemos identificar um conjunto de características da cidade de São Tomé, comuns a mais cidades das ilhas atlânticas de origem portuguesa, nomeadamente as cidades do Funchal, Ponta Delgada e Ribeira Grande. A escolha do sítio e a forma como se desenvolve a estrutura urbana inicial, destas quatro cidades apresentam características semelhantes.

Numa segunda parte, destacaremos os principais edifícios do centro histórico da cidade de São Tomé, nomeadamente o edifício do palácio do governo, o edifício da Sé, o da antiga Misericórdia (actual tribunal), a Fortaleza de São Sebastião (actual museu da cidade), e alguns edifícios religiosos, assim como, outros construídos posteriormente, com características modernistas, tais como os edifícios do mercado municipal e antigo frigorífico municipal, o do liceu nacional, o do antigo cinema Império, o do arquivo histórico, o da Companhia Santomense de Telecomunicações, entre outros. Certos conjuntos urbanos situados na actual baixa de São Tomé e o antigo bairro Salazar, (construído em meados do século XX e, essencialmente, constituído por moradias unifamiliares típicas do Estado Novo), assim como algumas antigas casas coloniais em bairros construídos nos anos de 1960, mereceram igualmente o nosso destaque uma vez que imprimem, igualmente, valor patrimonial à cidade de São Tomé.

O interesse deste trabalho poderá ter duas componentes: por um lado, incluir o estudo da cidade de S. Tomé, num vasto conjunto de investigações que se têm vindo a realizar por outros investigadores acerca das cidades de origem portuguesa espalhadas pelo mundo. Por outro identificar um conjunto de edifícios de origem portuguesa com interesse patrimonial na perspectiva de uma possível futura valorização.

Palavras-chave: S. Tomé; arquitectura e urbanismo; cidade portuguesa;

Introdução

De uma forma geral é aceite que a expansão portuguesa se divide em cinco grandes grupos geograficamente distintos: o norte de África, as ilhas atlânticas, a costa africana, o Oriente e o Brasil. Vários são os autores que se debruçaram sobre o tema do urbanismo português fora do continente europeu, destacando-se, para as ilhas atlânticas, um conjunto de investigadores que desde há algum tempo têm vindo a reflectir sobre a forma de ocupação desses territórios, das características morfológicas das primeiras ocupações e da forma com evoluíram ao longo do tempo¹.

A ocupação dos arquipélagos atlânticos iniciou-se na Madeira em 1422, seguindo-se as Canárias 1424, os Açores em 1439, depois Cabo Verde em 1462 e finalmente São Tomé em 1485. As cidades que mais se desenvolveram nestes arquipélagos durante os séculos XV e XVI foram, na Madeira, a cidade do Funchal; no arquipélago dos Açores, as cidades de Angra do Heroísmo e Ponta Delgada; no arquipélago de Cabo Verde, a cidade da Ribeira Grande (embora, só até ao século XVII, tendo-se verificado o seu declínio a partir dessa altura); e no arquipélago de São Tomé e Príncipe, as cidades de São Tomé e Santo António.

A cidade de São Tomé, objecto do nosso estudo, situa-se no arquipélago de São Tomé e Príncipe, é a sua principal cidade, e foi território português desde a primeira ocupação até 1975, data da sua independência.

As cidades das Ilhas Atlânticas de Origem Portuguesa

Os aspectos mais relevantes, para a análise comparativa das características morfológicas de matriz portuguesa das quatro cidades em estudo, desde a sua génese (século XV), até à actualidade, partem essencialmente de três critérios: A escolha do sítio, a evolução do crescimento urbano e as características da forma urbana de cada uma destas cidades.

Relativamente à localização, sabemos que todas estas cidades se situam junto a baías abrigadas, são servidas por uma ou mais ribeiras e situam-se na encosta mais soalheira da ilha (na encosta sul), onde o clima é mais ameno, os terrenos são melho-

¹ Destacam-se: Rui Carita, Alberto Vieira e António Aragão para o Funchal, Teresa Bettencourt da Câmara, Maduro Dias e José Manuel Fernandes, para Angra do Heroísmo, Ilídio do Amaral, Fernando Pires, e João Lopes Filho para a Ribeira Grande, Manuel C. Teixeira para as cidades da Madeira e dos Açores, José Manuel Fernandes e Orlando Ribeiro para o conjunto das ilhas da Macaronésia, entre outros.

res para a implantação de novas culturas e o acesso para o interior é mais facilitado. O local escolhido é normalmente em zonas onde é fácil a implantação de um porto, onde os navios atracam facilmente e onde é possível criar um sistema defensivo em lugares estratégicos, nos extremos da baía ou num ponto elevado. Todas tiveram o mesmo tipo de ocupação inicial: eram desabitadas, em todas se verificou uma devastação brutal da vegetação e foram introduzidas culturas vindas do exterior, (trigo, vinha, cana-de-açúcar, milho, batata, batata-doce, inhame e banana). Todas tiveram o mesmo tipo de sistema administrativo baseado no regime de capitânias, onde, aos capitães donatários (homens da confiança do rei), eram atribuídas cartas de doação que lhe conferiam todos os negócios da administração pública. Em troca de certas regalias havia a obrigação de desbravar e cultivar as terras que lhe eram dadas, criar gado e povoar o território.

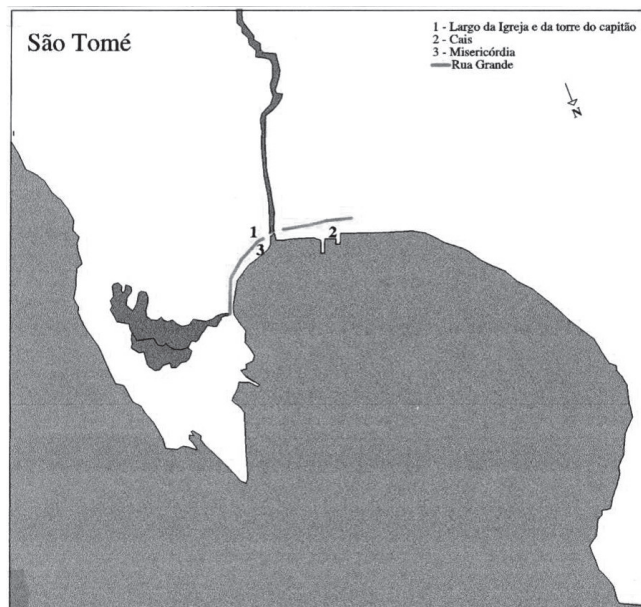
Quanto ao desenvolvimento urbano e às características da forma urbana, reconhece-se em todas as cidades estudadas, (embora com algumas nuances), três fases de desenvolvimento urbano: – a 1.^a fase que se inicia com a chegada dos primeiros colonos é essencialmente marcada pela existência de dois núcleos urbanos e uma rua principal que os liga. O crescimento é do tipo linear (paralelo ou perpendicular à costa, consoante os casos) através do desenvolvimento da referida rua.

- a 2.^a fase que é caracterizada pelo surgimento de um conjunto de ruas paralelas (ruas principais e secundárias), e perpendiculares à primeira (travessas), criando uma malha urbana de quarteirões alongados, de planimetria rectangular, e uma hierarquia de ruas definida pelas ruas principais e secundárias. Aqui os lotes são estreitos e alongados no sentido da profundidade dos quarteirões ocupando a sua total profundidade.
- a 3.^a fase que se caracteriza, por um lado, pela implantação de edifícios significativos (igrejas, conventos e fortalezas), fora do tecido urbano inicial e, por outro, pelo desenvolvimento de malhas urbanas em retícula, onde os quarteirões apresentam normalmente uma forma quadrangular, onde as frentes dos lotes dão para as ruas e as traseiras para os interiores dos quarteirões organizando-se costas com costas.

A cidade de São Tomé

Na cidade de S. Tomé, à semelhança das outras cidades das ilhas atlânticas de origem portuguesa, o desenvolvimento da estrutura urbana é marcado pela presença

Fig. 1 – Esquema síntese da 1.ª fase de desenvolvimento.



da baía e da ribeira. Durante o século XVI foi instalado o núcleo de carácter civil e religioso em torno da torre do capitão (mandada construir por Álvaro de Caminha por volta de 1492/1493), da igreja matriz² e da igreja e hospital da Misericórdia³ (Fig. 1).

Com o surto de desenvolvimento económico provocado pelo comércio açucareiro e com o aumento de população, a cidade cresce para poente desenvolvendo-se um outro núcleo, de carácter mercantil, ligado ao porto e aos edifícios cujas funções com ele estão associadas – o edifício da alfândega e o edifício da feitoria. A estrutura urbana inicial desenvolve-se, assim, a partir de uma pequena rua, junto à costa e paralela ao mar que liga o núcleo da Sé e da Misericórdia ao porto e constituiu o que se designou, segundo a planta de João Rozendo Tavares Leote (1788/1796) “Rua Grande”, e posteriormente “Rua Direita” (Brásio, 1955: 190).

O povoamento inicial era, portanto, do tipo linear e fazia-se ao longo deste eixo, o elemento estruturador da cidade. É ao longo dele que se implantam os edifícios institucionais mais importantes da cidade: a torre do capitão, a Misericórdia a Sé, posterior-

² A igreja matriz, actual *Sé de São Tomé*, segundo se presume teve várias reconstruções a primeira, por ordem do rei D. Sebastião, entre 1576 e 1578; posteriormente, em 1814, por iniciativa de alguns habitantes da ilha, e mais recentemente em 1956, verificando-se algumas alterações na fachada principal.

³ O edifício da Misericórdia, constituiu-se pela igreja e pelo hospital, mandados construir por D. Manuel em 1504. Na época em que foi construído, este conjunto situava-se num dos melhores terrenos da povoação, não longe da Sé e da torre, integrando o núcleo primordial da povoação. Neste edifício, funciona actualmente o tribunal situado em frente à Praça da Revolução.

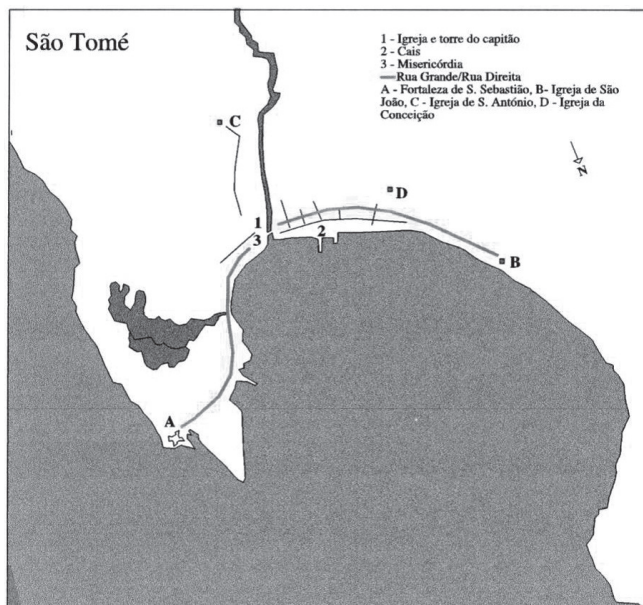


Fig. 2 – Esquema síntese da 2.ª fase de desenvolvimento.

mente a alfândega, a câmara e a cadeia e mais tarde a fortaleza de S. Sebastião⁴ para nascente e a igreja de S. João para poente.

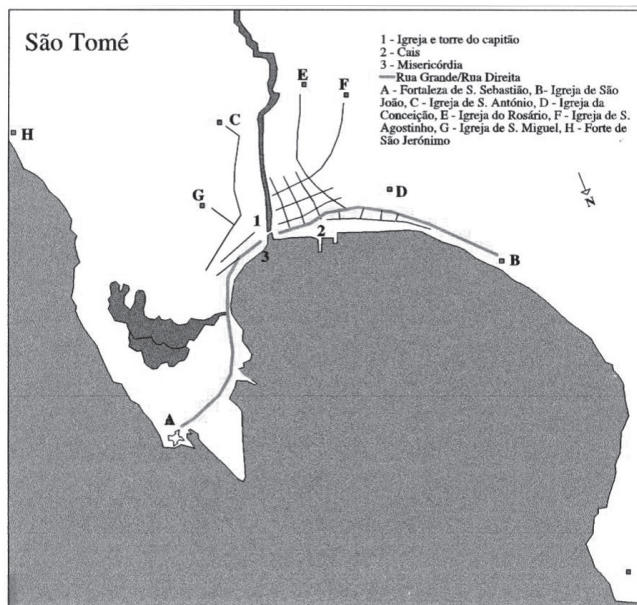
São três os factores que marcam esta fase de desenvolvimento do núcleo urbano de São Tomé: a escolha do local, a adaptação às condições geográficas e o modo de implantação dos edifícios significativos, nomeadamente a torre do capitão, a misericórdia e os edifícios religiosos.

Quanto ao 1.º factor – a escolha do local – percebe-se que esta obedeceu a uma escolha criteriosa, dadas as características do sítio escolhido para a implantação da cidade de São Tomé e da maioria das outras ilhas atlânticas de origem portuguesa (junto a uma baía abrigada, com locais favoráveis à implantação de pontos defensivos, perto de ribeiras, etc.).

O 2.º factor – a adaptação às condições geográficas – é-nos claramente revelado pela forma como foram implantados os primeiros edifícios e pela forma como se desenvolveu a primeira rua (ou caminho) de São Tomé, isto é, pela forma como a cidade evoluiu e se estruturou. Na cidade de São Tomé, tal como se verificou no Funchal, existe um caminho ao longo da costa que constituiu a estrutura primordial

⁴ A *Fortaleza de São Sebastião*, actual museu da cidade foi construída a partir de meados do século XVI (cerca de 1566), e situa-se no extremo norte da cidade. Tem a forma de estrela quadrangular com três faces voltadas para o mar. Segundo Lopes de Lima, a razão para a sua construção deveu-se ao conhecimento que o rei tinha relativamente aos ataques provocados pelos corsários franceses nas outras ilhas atlânticas. Nele estão visíveis as estátuas dos três navegadores portugueses: João de Santarém, Pêro Escobar e João Paiva. Para além da fortaleza de São Sebastião, foram instalados em 1613/1614 e em 1756 respectivamente, outros dois pontos defensivos, – o forte de S. Jerónimo, junto à Praia Pequena (actualmente em ruínas), e o Forte de S. José no outro extremo da baía, na ponta de Cabo Verde (praticamente destruído).

Fig. 3 – Esquema síntese da 3.ª fase de desenvolvimento.



de ocupação do território. Este caminho ligava o primitivo núcleo urbano constituído pela Sé, torre ou casa do capitão e Misericórdia, localizados num dos extremos da povoação, a nascente, e o porto localizado no outro extremo do outro lado da ribeira, a poente. Este eixo é o elemento estruturador da cidade e é ao longo dele que se vão implantar os edifícios institucionais mais importantes da cidade: a torre do capitão, a Misericórdia e a Sé, ligada a este por um amplo terreiro; em fases posteriores a alfândega, a câmara e a cadeia. Também é a partir dele que a cidade mais tarde se desenvolve, através da criação de ruas paralelas e perpendiculares.

O 3.º factor – o modo como os edifícios institucionais mais significativos se implantam, nomeadamente a torre do capitão, a Misericórdia e os edifícios religiosos (São Francisco, Ave-Maria – Sé) construídos no início da ocupação, marcam igualmente este primeiro momento. Qualquer destes edifícios, como iremos verificar, desempenha um papel importante na evolução e estruturação da cidade criando espaços vazios na cidade (terreiros) que constituíram futuros espaços urbanos. Em frente à torre e à Sé existia um espaço livre – um terreiro – o qual mais tarde deu origem a um largo, verificando-se o mesmo para o terreno existente em frente à Misericórdia. Como podemos ver em plantas mais actuais estes espaços livres formando uma espécie de terreiros deram origem, numa fase posterior, a largos importantes da cidade que ainda hoje se podem observar nomeadamente, o Largo 5 de Outubro em frente à Misericórdia e o largo em frente à Sé. Dada a importância destes edifícios em termos institucionais, este núcleo constitui, desde o início do desenvolvimento do aglomerado, o centro funcional e administrativo da cidade.

À semelhança das outras cidades das ilhas atlânticas, a rua Direita para além de ligar vários elementos urbanos, estrutura uma malha urbana onde os lotes urbanos são paralelos uns aos outros e ocupam de um lado ao outro do quarteirão (Figs. 2 e 4). Já numa fase posterior desenvolve-se uma malha regular, que ainda hoje se reconhece na actual baixa de S. Tomé, onde a estrutura de quarteirões tem lotes com uma única frente virada para a rua, e outra voltada para o interior dos quarteirões (Figs. 3 e 5).

Este conjunto de quarteirões constituído por edifícios de dois, três e quatro pisos, construído entre os séculos XVII e XIX é marcado pela regularidade do traçado urbano. Nesta altura, o núcleo urbano cresce para o interior e ao longo da marginal através da implantação de novas igrejas e pontos defensivos, como: a igreja de St.º António, a igreja de N.ª S.ª do Rosário, a igreja de St.º Agostinho, a capela de N.ª S.ª do Bom Despacho (fundada por volta de 1617), o forte de São Jerónimo (1613-1614) e o forte do Picão de N.ª S.ª da Graça, que se presume não ter sido concluído.

Nesta fase de desenvolvimento urbano da cidade de São Tomé, verifica-se que em termos urbanos, esta, é marcada por dois factores de crescimento: o primeiro relaciona-se com a implantação de alguns edifícios institucionais significativos nomeadamente o edifício da alfândega, o edifício da feitoria e o edifício da câmara construídos ao longo do eixo estruturador da cidade ou seja ao longo da Rua Direita e pela implantação de igrejas e da fortaleza fora do tecido urbano. Os edifícios da alfândega, da feitoria e da câmara, próximos do núcleo urbano junto ao porto já em formação na primeira fase de desenvolvimento a partir da Rua Direita, consolidam o crescimento da malha urbana nesta zona da cidade dadas as funções que desempenham.

Igualmente a edificação de várias igrejas fora do tecido consolidado até então, nomeadamente a Igreja de São João, a Igreja Madre de Deus, a Igreja de Santo Amaro, a Capela de São Sebastião, o Hospício de Santo António e o Hospício da Ordem de Santo Agostinho, assim como a Fortaleza de S. Sebastião construída no extremo nascente da baía, constituem novos pólos dinamizadores de crescimento da cidade. Esta irá desenvolver-se em muitos casos, ao longo do caminho que leva a estes edifícios, como são exemplos claros o caso da Igreja de São João, a Fortaleza de S. Sebastião e a Igreja de St.º António dos Capuchinhos Italianos.

O segundo factor de crescimento é, como em muitas cidades medievais portuguesas e cidades das ilhas atlânticas criadas pelos portugueses, caracterizado pela implantação de um traçado regular onde as ruas formam um conjunto de quarteirões regulares de planimetria rectangular, reflexo de uma intenção explícita de planeamento. Estamos naturalmente a referir-nos ao traçado urbano formado a partir da Rua Direita e que se estende desde a zona do porto até à travessa da Conceição. Estas ruas, à semelhança doutros casos atrás referenciados, são cortadas por tra-

Figs. 4 e 5 – A cidade de S. Tomé (fotos: Teresa Madeira da Silva e Isabel Godinho).



vessas que lhe são perpendiculares, e os lotes urbanos que os compõem ocupam a profundidade total do quarteirão onde se implantam. A semelhança destes traçados com os traçados das cidades medievais portuguesas fundadas ou reestruturadas nos séculos XIII e XIV no Continente e no século XV nas ilhas atlânticas, demonstra que existia uma relação entre elas.

Podemos perceber que a 3.^a fase de desenvolvimento urbano da cidade de S. Tomé é marcada por duas tendências: por um lado, pela existência de uma malha urbana reticulada que ocupa toda a actual baixa de São Tomé. Este tipo de ocupação está patente na planta de G. Barleus e na descrição da cidade datada de 1615. Apreende-se, nesta fase, uma alteração no tipo de traçado dos quarteirões, assumindo uma forma quadrangular com os lotes voltados para o seu interior,



Figs. 6 e 7 – Liceu Nacional de S. Tomé e Companhia Santomense de Telecomunicações (fotos: Isabel Godinho).



(ao contrário do tipo de ocupação anterior em que a profundidade do lote correspondia à profundidade do quarteirão). Por outro, pelo crescimento no sentido do interior (em relação à costa) através do desenvolvimento e crescente implantação ao longo dos caminhos que levavam nomeadamente às igrejas e fortaleza originando o desenvolvimento da cidade no sentido desses edifícios.

Posteriormente e durante o século XX o crescimento da cidade é marcado, por um lado, por importantes obras de saneamento associadas à existência de pântanos e ao aparecimento de novos bairros de vivendas isoladas, típicas do Estado Novo construídos sobre eles. São de destacar o antigo bairro Salazar (a norte) construído em meados do século XX e formado essencialmente por moradias unifamiliares, e o antigo bairro Marcelo Caetano (a poente junto à marginal) construídos nos anos

50 do século XX onde ainda podemos encontrar algumas casas de um ou dois pisos, sobrelevadas em relação ao pavimento térreo, e construídas em madeira. Na sua maioria, a planta apresenta a forma quadrangular e o telhado é de duas ou quatro águas, incluindo, normalmente, varandas corridas em todas as fachadas. Há a destacar o edifício da actual embaixada de Portugal cuidadosamente recuperado e situado no cruzamento da Avenida da Armada com a Avenida Eng.º Rebelo de Andrade.

Por outro lado, também de cariz modernista, destacam-se: o edifício do mercado municipal situado junto ao antigo frigorífico municipal na Avenida da Conceição, marcado pelo ritmo dos pórticos que formam as fachadas do edifício; o edifício do liceu nacional situado na Avenida da Armada, imponente pela escala do conjunto e equilíbrio da fachada principal (Fig. 6); os edifícios do arquivo histórico e do antigo cinema Império (actual cineteatro Marcelo da Veiga), situados na Praça dos Heróis da Liberdade, ambos construídos nos finais dos anos 60 e recentemente recuperados; o edifício da Companhia Santomense de Telecomunicações, situado na marginal, marcado pelo uso do betão e pela acentuação da horizontalidade através da estrutura reticulada da fachadas e das coberturas planas (Fig. 7), e o edifício do actual Banco Internacional de São Tomé e Príncipe, situado na Praça da Independência, que se destaca pelo ritmo das varandas e vãos e pela escala do conjunto.

Conclusão

Acerca da investigação que desenvolvemos sobre a cidade de S. Tomé podemos fazer duas apreciações:

A primeira, que se reconhece na cidade de São Tomé, tal como em muitas outras cidades das ilhas atlânticas de origem portuguesa, uma matriz comum no que diz respeito ao traçado urbano e ao modo como se desenvolveram estas cidades, desde a sua génese até ao século XX. A segunda, que nesta cidade, como noutras cidades de origem portuguesa espalhadas pelo mundo, se identifica um património arquitectónico de diferentes épocas com características semelhantes e de inegável interesse patrimonial.

Espera-se, através da investigação que realizamos, contribuir para que, em conjunto com outras investigações desta natureza, se identifique e reconheça o vasto património arquitectónico português espalhado pelo mundo, e conseqüentemente se caminhe para a salvaguarda que, em certos casos, tal património exigiria para uma melhor compreensão da cultura arquitectónica portuguesa do século XX.

Bibliografia

- AMBRÓSIO, António – *Subsídios para a História de S. Tomé e Príncipe*, Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- ANDRADE, Amélia – *Um percurso através da paisagem urbana medieval*, in “Povos e Culturas”, n.º 2, 1987.
- BRÁSIO, António; (coligida e anotada por) – *Monumenta Missionária Africana*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, vol. VI, 1955.
- CÂMARA, Teresa Bettencourt da – *Urbanismo Angrense. da Fundação Quatrocentista à cidade do Renascimento*, in “Revista do I.C.A.L.P.”, n.º 18, Lisboa, 1989, pp. 108-116.
- CARITA, Rui – *O Regimento de Fortificação de D. Sebastião (1562) e a Carta da Madeira de Bartolomeu João (1654)*, Funchal, 1984.
- CARVALHO, Sérgio Luís – *Cidades Medievais Portuguesas. Uma Introdução ao seu Estudo*, Lisboa 1989.
- CORREIA, José Eduardo Horta – *Urbanismo em Portugal*, in “Dicionário Ilustrado da História de Portugal”, Lisboa, 1984.
- COSTA, Alexandre Alves – “Valores permanentes da Arquitectura Portuguesa”, in *Vértice*, série 19, II, Lisboa, 1989.
- FACUNDES, João – *Ribeira Grande: a Cidade Velha*, in “Oceanos”, n.º 5, Lisboa, 1990, pp. 78-84.
- FERNANDES, José Manuel – *O Funchal e o urbanismo de raiz portuguesa no Atlântico estudo comparativo e de enquadramento histórico-cultural*, in “Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira”, Funchal, 1989.
- ... *Angra do Heroísmo*, Lisboa, 1989.
- ... *Cidades e casas da Macaronésia, evolução do território e da Arquitectura Doméstica das Ilhas atlânticas sob influência portuguesa – Quadro Histórico do séc. XV ao séc. XVIII*, F.A.U.T.L., (tese de Doutoramento), Lisboa, 1992.
- FERNANDES, Valentim [14-/1519) – *O Manuscrito de Valentim Fernandes*, (Leitura e Revisão de Provas de António Baião), Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1940.
- GASPAR, Jorge – *A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média*, in “Finisterra”, Vol. IV, n.º 8, Lisboa, 1969.
- LIMA, José Joaquim Lopes de Lima – *Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas na África Occidental e Oriental; na Ásia Occidental na China, e na Oceania*, Lisboa: 1844.
- MATOS, Raimundo José da Cunha – *Corografia Histórica das Ilhas de S. Tomé e Príncipe, Ano Bom e Fernão Pó*, S. Tomé, 1916.
- PEREIRA, Duarte Pacheco – *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1988.
- PIRES, Fernando – *Da cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde – análise histórico-formal do espaço urbano séc. XV – XVIII*. (Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano), 1999.
- PORTAS, Nuno – *Interrogações sobre as especificidades das fundações urbanas portuguesas*, in “Estudos de História de Arte (Homenagem a Artur Nobre Gusmão)”, Lisboa, 1995.
- RIBEIRO, Orlando – *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, J.I.U., n.º 59, Lisboa, 1962.
- ... *Originalidade da Expansão Portuguesa*, Lisboa, 1994.

- ROSSA, Walter – *A cidade portuguesa*, in “História da Arte Portuguesa”, vol. III, Direcção Paulo Pereira, 1995.
- SAGUIRO, Teresa Barata – *A espacialidade no tempo urbano*, in “Penélope”, n.º 7, 1992.
- _, *A Cidade em Portugal Uma Geografia Urbana*, Porto, 1992.
- SILVA, António Correia e – *Os fundamentos do povoamento*, in “Oceanos”, n.º 5, Lisboa, 1990.
- SILVA, Teresa Madeira da – *A Evolução dos Espaços Urbanos Públicos na Cidade de São Tomé*, TEIXEIRA, Manuel C. (ed.), in “A Praça na Cidade Portuguesa”, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 43-68, 2001.
- SILVA, Teresa Madeira da – *Estudo Morfológico da Cidade de São Tomé no Contexto Urbanístico das Cidades Insulares Atlânticas de Origem Portuguesa*, in “Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português 1415-1822”, Coimbra: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 247 a 264, 2001.
- SILVEIRA, Luís – *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, (Vols. I e II), Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1956.
- TEIXEIRA, Manuel C., Margarida Valla – *O Urbanismo Português. Séculos XIII – XVIII. Portugal – Brasil*, Lisboa, 1998.
- TENREIRO, Francisco – *Cabo Verde e S. Tomé esquema de uma evolução conjunta*, Praia: Imprensa Nacional, 1956.
- _, *A Ilha de São Tomé*. Lisboa: Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, n.º 24, 1961.

Cartografia

- [Plano da Baía de Ana Chaves, compreendendo a Planta da cidade de S. Tomé e a perspectiva e planta da Fortaleza de S. Sebastião / 1788-1796] [por] João Rozendo Tavares Leote*. 440x670mm; In A.H.U., c.m., n.º176.
- Planta da Baía de Ana Chaves, Compreende a cidade, a Fortaleza de S. Sebastião e o Forte do Picão de N.ª Senhora da Graça, (1646 Dezembro 16)*, A. H. U. c.m., n.º 170.
- Mapa da Cidade de São Tomé, na ilha do mesmo nome, África, conquistada em Outubro de 1641, por uma esquadra holandesa partida do Recife, autor desconhecido*. In Gaspar Barleus, “História dos Feitos Recentes Praticados Durante Oito Anos no Brazil”, Recife, 1980.